



Brasil S/A

por Antonio Machado
machado@cidadebiz.com.br

A Terra em transe

Como líder de um governo que desconhece estratégia e planejamento, ignora o progresso econômico, social e tecnológico como o que a sua gestão deveria perseguir e desdenha as relações externas a ponto de o ex-ministro da área debochar de o Brasil ser tratado como pária do mundo, o discurso de Jair Bolsonaro na Cúpula do Clima convocada pelo presidente dos Estados Unidos, Joe Biden, foi de alguém atônito com seus devaneios ideológicos e alheio à real acepção dos compromissos ambientais.

O que lhe escapa, assim como aos políticos e mesmo aos empresários que começam a se preocupar com a destruição ambiental e o risco de sanções de outros países e da reação dos investidores estrangeiros, é que a questão climática não implica apenas cuidar da natureza e criminalizar devastadores ambientais, grileiros de terras públicas, os invasores de territórios indígenas e das florestas nacionais.

Fazer cumprir as metas de redução das emissões de gases de efeito estufa implica cortar radicalmente o uso de petróleo, carvão e gás, reinventar a indústria e o agronegócio, mudar hábitos de consumo.

Não se acomoda tamanha transformação sem outra macroeconomia, que começa a se delinear nos EUA do governo de Joe Biden. Ela vem para permitir investimentos públicos e privados como não há nos EUA e na Europa desde a Segunda Guerra e induzir as empresas a “desfinanciar” seus negócios. Isso trará mais governo e menos mercado financeiro.

Estamos preparados? Se mal resolvemos o conflito entre governo e sociedade nas relações fiscais, que definham há 40 anos, certamente que não. Do Brasil, os governos envolvidos com a questão climática, EUA, China, Japão, Europa, querem que cuide da Amazônia, entendida como valor universal a proteger com zelo.

Quanto às transformações que a reversão do aquecimento da Terra já implica, é problema de cada um. Ninguém vai nos ajudar quando ficar claro que não haverá mais motor a combustão, que a era do petróleo caminha para o fim, o viés da alimentação saudável e mais orgânica.

Vai se chegar a tanto? Não se sabe. Mas as possibilidades são mais críveis que irreais. Na corrida tecnológica entre China e EUA, por exemplo, a ficção deve virar realidade ainda nesta década.

O mundo em transformação

Este foi o contexto da cúpula dos 40 governantes convidados para a discussão virtual de dois dias, com o clima como pano de fundo. Mas as estratégias de cada país para resolver o que isso exige cabe aos governantes decidir. O quadro dos grandes poluentes dá uma pista.

Estudo da OCDE discrimina os emissores de gases de efeito estufa — dióxido de carbono (CO2), metano, óxido nítrico e gases fluorados. O setor de energia, com petroleiros à frente, responde por 29% das emissões; transportes, 24%; outras indústrias, 19%; residências e assemelhados, 11%; agricultura, 9%; outros, 8%. Vê-se que petróleo e seus derivados e atividades correlatas são os grandes vilões.

Países como Inglaterra, Suécia, China, França já dataram o fim do veículo movido a gasolina e diesel: entre 2030 e 2035. A China tem meta equivalente. Cada decisão dessas implica rupturas em série. E acelera muitas outras, movidas pela digitalização e a inteligência artificial, com suas aplicações na telemedicina, nas fintechs, na indústria “inteligente”, nas interações pessoais.

Esse processo não tem fim e está só começando. A saudita Aramco, maior petrolifera do mundo, se associou a três grupos japoneses para desenvolver o hidrogênio como fonte de energia e combustível. As vacinas contra a covid com tecnologia RNA mensageiro se deveram a pesquisas prévias do sistema imunológico. Uma coisa leva a outra, tipo a revolução dos pagamentos digitais graças ao smartphone.

Brasília parou no passado

Tais cenários não passam por Brasília, quanto mais pelo governo e por Bolsonaro. Ao menos, não repetiu na cúpula do clima a alegação de que os ataques às queimadas na Amazônia e no Pantanal se deviam a uma conspiração de insatisfeitos com o sucesso do agronegócio, como fez ao discursar na assembleia virtual das Nações Unidas em setembro passado, influenciado pelo negativismo de Donald Trump.

Ele se dirigiu a Biden (que se ausentou pouco antes de sua fala) e disse que, em atenção ao seu chamado por “compromissos ambiciosos”, determinou que a neutralidade climática do Brasil fosse antecipada de 2060 para 2050. Prometeu também eliminar o desmatamento ilegal até 2030, reduzindo em 50% as emissões até essa data.

Perfeito até então, porque, na sequência, ele voltou a ser ambíguo. “É fundamental podermos contar”, insinuou, “com a contribuição de países, empresas, entidades e pessoas dispostos a atuar de maneira imediata, real e construtiva na solução desses problemas”. Em suma, pediu dinheiro para exercer o que cabe soberanamente apenas ao país — a preservação dos biomas. E falseou ao declarar que “duplicou os recursos destinados a ações de fiscalização”.

País refém de preconceitos

Não, o orçamento do Ministério do Meio Ambiente encolhe desde que Bolsonaro assumiu e nomeou para a pasta um advogado e político sem noção das questões ambientais. O ministro Ricardo Salles esvaziou o Ibama, o ICMBio, substituiu funcionários de carreira por policiais, a maioria da PM de São Paulo, centralizou a cobrança de multas, que não têm sido executadas, proibiu, atendendo instrução de Bolsonaro, a apreensão e destruição de equipamentos de garimpos ilegais etc.

A derrubada de florestas é flagrada pelos satélites que orbitam a Amazônia, alguns de outros países; o avanço predatório sobre terras indígenas está bem documentado, assim como a grilagem de terras da União. O governo quis reconhecê-las com uma medida provisória não votada pelo ex-presidente da Câmara Rodrigo Maia. O atual, Arthur Lira, se compromete a votar um projeto de lei com igual teor.

Como na pandemia, cuja letalidade se multiplicou pela implicância de Bolsonaro com as vacinas, o meio ambiente foi desamparado pela versão de que seria coisa de esquerdistas e perigosos “globalistas” ou algo assim. A própria economia é refém da ideia errada de que o país está quebrado. Um país movido a ideias econômicas obscuras e preconceitos políticos nem por milagre entenderá as transformações em curso no mundo. Quanto mais sutilezas da política internacional.

JOGOS / Com o isolamento social imposto pela pandemia, cresce a procura por entretenimento on-line. Transmissão de partidas e inclusão de mulheres são tendências

Negócio promissor no mundo dos games

» JOÃO VITOR TAVAREZ*
» PEDRO ÍCARO*

Se a realidade está difícil, muda de realidade. Assim, pode-se resumir o aumento do interesse por games durante a pandemia. É cada vez maior o número de pessoas que, entre o home office e a precaução para ficar em casa, se aventuram no mundo virtual do entretenimento. Um dos expoentes mundiais no mercado de tecnologia, o nicho de games cresceu vertiginosamente, com uma explosão de novos consumidores. Segundo pesquisa realizada em 2020 pelo Brasil Games Show (BGS), em parceria com o Instituto Datafolha, quatro em cada 10 brasileiros tendem a jogar jogos eletrônicos.

“A pandemia provocou um efeito natural, as pessoas buscaram uma opção de entretenimento dentro das próprias casas. Uma das grandes vantagens dos jogos é que ele dá a chance de vivenciar de uma maneira virtual aquilo que você não está podendo viver no mundo real”, explica o CEO da Brasil Game Show, Marcelo Tavares.

Durante a pandemia, os jogos se tornaram um refúgio para enfrentar o isolamento social e uma possibilidade de renda. Carlos Eduardo Figueredo, 21 anos, de Palmas, transformou a paixão pelos games em entretenimento para outras pessoas e uma forma de ganhar dinheiro extra. Ele faz transmissão ao vivo de seus jogos pela internet (streaming) para seu público. “Eu assistia a lives de vários jogadores e me divertia muito, durante a pandemia. Vi aquilo como uma oportunidade de também começar a entreter outras pessoas e ganhar dinheiro com uma atividade de que gosto muito”, conta. “Eu mesmo fui influenciado por alguns dos meus streamers favoritos, como Rebecca, Sabrinoca e Nicky Mitrava. Passei, então, a jogar vários jogos novos e diferentes. Primeiro, as

Arquivo Pessoal



Com a pandemia, as pessoas que já tinham o costume de jogar estão com mais tempo livre”

Pablo Sebastián Rodrigues, gamer de São Paulo



A indústria dos jogos tem que começar a pensar em como agradar o público feminino”

Ana Clara França, gamer de Tocantins

pessoas assistem. Se gostam, comecem a jogar.”

Logo, as transmissões ao vivo de jogos tornaram-se a fase seguinte para aqueles que passam o tempo jogando em casa. “Com a pandemia, as pessoas que já tinham o costume de jogar estão com mais tempo livre e jogando mais. E, com certeza, há mais pessoas assistindo a jogos ao vivo e a vídeos de jogadores no YouTube”, explica Pablo Sebastián de Paula Rodrigues, 24 anos, gamer em São Paulo.

Mulheres nos games

Segundo a pesquisa do BGS, os homens ainda são a maioria no universo dos games. Representam cerca de 53% do total de jogadores, enquanto as mulheres somam 47%. Apesar de ainda estar em menor número, o público feminino é uma parcela cada vez mais importante em um mercado este-

reotipado apenas para homens.

Segundo a Sakura Esports, organização que traz visibilidade e fomenta a união entre mulheres gamers, o público feminino sempre esteve presente nos jogos, porém não era reconhecido. Para evitar constrangimentos, as jogadoras usavam nomes de usuário neutro e eram consideradas jogadores masculinos.

“Penso que o que mais mudou foi a exposição. Aos poucos, mulheres têm se sentido mais confortáveis em se comunicar e interagir com outros players. E esses ambientes mais abertos, de maior representatividade, são mais favoráveis à adesão feminina. A independência econômica é um outro fator relevante”, explica Ariadne Aquino, social media da organização.

A estudante de audiovisual Beatriz Barreto, 20, joga desde 2016 como diversão e conta que já passou por situações constrange-

doras com alguns jogadores. “A maioria dos homens acha que você não é capaz de jogar. A pior situação foi quando eu estava jogando e elogiei a skin (visual) do jogo. Depois que eu perdi, os jogadores ficaram falando que mulher só sabe jogar pela skin e não tem habilidade nenhuma”, relata.

As gamers também afirmam que as personagens femininas de alguns jogos são hipersexualizadas e não têm uma jogabilidade tão boa quanto os personagens masculinos. “A indústria dos jogos tem que começar a pensar em como agradar ao público feminino, em criar jogos com uma jogabilidade interessante que se sustente apenas com a história que vende e não com bonecas de peitos inflados soltando ‘poderzinho’ rosa”, explica a gamer tocaninense Ana Clara França, 22.

*Estagiários a sob supervisão de Carlos Alexandre de Souza

Nicho em expansão

Os jogos de celulares é um nicho que tem crescido no mundo e no Brasil, segundo especialistas. A facilidade de acesso contribui para o crescimento desse ramo.

“Nos anos 1990, a gente tinha jogos do Mortal Kombat pelo videogame, depois veio pelo computador e agora a gente tem possibilidade de jogar pelo celular, então é um mesmo jogo, mesma franquia, só que em diferentes espaços. Então eu imagino que há esse avanço justamente pela facilidade e por alcançar mais pessoas”, explica a gamer de jogos mobile Stefani Cavalcante, 21 anos. “Nem todo mundo tem a condição de ter um videogame ou um computador superequipado, então, investir em jogos pelo celular também é uma questão de democratização”, argumenta.

Impacto dos jogos

Segundo pesquisa da Visa Consulting & Analytics no Brasil, as transações com os cartões Visa aumentaram 140% em relação a 2019. A movimentação ocorreu nas principais plataformas e consoles de jogos, a exemplo de Xbox e PlayStation. O levantamento também destaca incremento de 105% em compras de jogos ou extensões com cartão. Isso comparado ao período de outubro de 2019 e setembro de 2020.

“Os dados mostram a relevância desse mercado. Percebemos que esses consumidores passaram a comprar muito mais jogos durante os meses da pandemia no Brasil, elevando o faturamento total”, explica o diretor Oscar Pettezzoni, no site da empresa.

O Instituto Histórico e Geográfico do Distrito Federal, em comemoração aos 61 anos de Brasília, convida V. Ex^a e Exm^a Família para o lançamento das Enciclopédias

- Enciclopédia dos 60 Anos de Brasília.
- Recordando Brasília de Todos os Tempos.
- Fotos de 1960 a 2019.
- Brasília, o Brasil e o Mundo.
- JK, Um Homem à Frente do seu Tempo.
- Nasce Brasília, a Obra do Século XX.

- Encantei-me com o NADA e VIVI o TUDO!
- Visão de Passado, de Presente e de Futuro.
- Antevendo uma Nova Era no 3º Milênio.
- Preocupações com o Brasil Que Nós Queremos.
- Exaltação a Brasília.
- Definições de Adirson.

de autoria de Adirson Vasconcelos, a realizar-se on-line nos endereços abaixo:

PEDIDOS:
 Telefones: 061 - 3036-7822 - 3224-6544
 E- mails: adirson@bol.com.br / conhecaadirsonbrasil@bol.com.br / ihgdistritofederal@gmail.com

Adirson Vasconcelos retorna (63 anos depois) ao Cruzeiro para recordar os momentos transcendentais da celebração da 1ª Missa de Brasília, em 3 de maio de 1957.

Foto TV Globo